



SANGÒ - XANGÔ

Shango ou Sango, é Orixá, de origem Yorubá. Seu mito conta que foi Rei da cidade de Oyo.

Pierre Verger dá como resultado de suas pesquisas que: Shango ou Xangô, como todos os outros imolè (orixás e ebora), pode ser descrito sob dois aspectos: histórico e divino.

Como personagem histórico, Xangô teria sido o terceiro Aláàfin Òyó, "Rei de Oyo", filho de Oranian e Torosi, a filha de Elempê, rei dos tapás, aquele que havia firmado uma aliança com Oranian.

Shango, no seu aspecto divino, permanece filho de Oranian, divinizado porém, tendo Yemanjá como mãe e três divindades como esposas: Oyá, Oxum e Obá.

Shango orixá dos raios, trovões, grandes cargas elétricas e do fogo. É viril e atrevido, violento e justiciero; castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeiteiros. Por esse motivo, a morte pelo raio é considerada infamante. Da mesma forma, uma casa atingida por um raio é uma casa marcada pela cólera de xangô.

A característica do orixá do trovão é dada para a divindade Ayrà na cidade de Savé na região Mahi, região situada no Benin, antigo Dahomé, para Oramfé na cidade de Ifé na região Ijexá e para Xangô na cidade de Oyo na região Yorubá, regiões situadas na Nigéria.

Sangò era o rei de Oyó, terra de seu pai; já sua mãe era da cidade de Empê, no território de Tapa. Por isso, ele não era considerado filho legítimo da cidade. A cada comentário maldoso, Xangô cuspiu fogo e soltava faíscas pelo nariz. Andava pelas ruas da cidade com seu oxé, um machado com duas lâminas, que o tornava cada vez mais forte e astuto.

Onde houvesse roubo, o rei era chamado e, com seu olhar certeiro, encontrava o ladrão onde quer que estivesse. Para continuar reinando, Xangô defendia com bravura sua cidade; chegou até destronar o próprio irmão, Dada, de uma cidade vizinha para ampliar seu reino.

Com o prestígio conquistado; Xangô ergueu um palácio com cem colunas de bronze no alto da cidade de Kossô, para viver com suas três esposas: Iansã, amiga e guerreira; Oxum, coquete e faceira; e Oba, amorosa e prestativa. Para prosseguir com suas conquistas, Xangô pediu ao babalaô de Oyó uma fórmula para aumentar seus poderes; este entregou-lhe uma caixinha de bronze, recomendando que só fosse aberta em caso de extrema necessidade de defesa. Xangô contou a Iansã o ocorrido e ambos, não se contendo, abriram a caixa antes do tempo. Imediatamente começou a relampear e trovejar; raios destruíram o palácio e a cidade, matando toda a população.

Não suportando tanta tristeza, Xangô afundou terra adentro, tornando-se um Orixá.

Xangô foi o quarto rei lendário de Oyo (Nigéria, África), tornado Orixá de caráter violento e vingativo, cuja manifestação são os raios e os trovões. Filho de Oranian, teve várias esposas sendo as mais conhecidas: Oyá, Oxum e Obá. Xangô é viril e justiciero; castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeiteiros.

Enquanto Oxossi é considerado o Rei da nação de ketu, Xangô é considerado o rei de todo o povo yorubá. Orixá do raio e do trovão, dono do fogo, foi um grande rei que unificou todo um povo. Foi ele quem criou o culto de Egungun, sendo ele um dos Orixás que exerce poder sobre os mortos. Xangô é a roupa da morte, por este motivo não deve faltar nos Egbòs de Iku e Egun, o vermelho que lhe pertence.

Ao se manifestar nos Candomblés, não deve faltar em sua vestimenta uma espécie de saia, com cores variadas e fortes, que representam as vestes dos Eguns.

Xangô era forte, valente, destemido e justo. Era temido, e ao mesmo tempo adorado. Comportou-se em algumas vezes como tirano, devido a sua ânsia de poder, chegando até mesmo a destronar seu próprio irmão, para satisfazer seu desejo.

Filho de Yamasse (Torosi) e de Oraniã, foi o regente mais poderoso do povo yorubá. Ele também tem uma ligação muito forte com as árvores e a natureza, vindo daí os objetos que ele mais aprecia, o pilão e a gamela, sendo que o pilão de Xangô deve ter duas bocas, que representa a livre passagem entre os mundos, sendo Xangô um ancestral (Egungun).

Da natureza, ele conseguiu profundos conhecimentos e poderes de feitiçaria, que somente eram usados quando necessários. Tem também uma forte ligação com Oxumaré, considerando-o como seu fiel escudeiro.

Xangô é cultuado no Brasil, sob 12 (doze) qualidades. Vale salientar, que muitos seguem cegamente as ditas qualidades de Xangô da Bahia, e não é bem assim por exemplo Ayrá é um outro Orixá que não se dá com Xangô.

Reza a lenda que Ayrá era muito próximo de Xangô, e quando Oxalufã, em visita ao reino de Xangô foi erroneamente confundido com um ladrão e teve suas pernas quebradas e preso, uma vez Xangô percebendo o engano, mandou que o tirasse da prisão e limpassem Oxalufã, e dessem vestimentas condizentes a grandiosidade de Oxalufã, porém Oxalufã estava viajando e teria ainda outros lugares para ir, porem por ser muito velho e agora com as pernas tendo sido quebradas, a locomoção havia sido afetada, fazendo que Oxalufã andasse curvado e muito vagarosamente.

Xangô então mandou que Ayrá levasse Oxalufã nas costas até a próxima cidade. Ayrá percebendo ali a sua grande chance, durante o caminho se voltou contra Xango, falando a Oxalufã que Xangô sabia que ele estava preso e acabou por ganhar a confiança de Oxalufã, que o tomou para si, razão pela qual Ayrá usa branco, mas não é um fum-fum. Xangô que não suporta traições se irritou com a atitude de Ayrá cortando relações e por essa razão eles não são cultuados da mesma forma, apesar de no Brasil Ayrá ser feito junto com Xangô, porque realmente não há problemas desde que suas coisas estejam certas, porem na africa Ayrá é feito separadamente como um Orixá, com suas qualidades e pompas. As qualidades de Xangô são essas.

SANGÔ

O Orixá do fogo e do trovão, Senhor da Justiça, considerado um Orixá vaidoso, que gosta de festas e comemorações. Sua sensualidade atrai as mulheres de modo geral, na Mitologia dos Orixás, Xangô é casado com três mulheres: Oiá, Obá e Oxum.

Este Orixá é sempre lembrado, pelos fiéis do Batuque, em casos de difícil resolução e justiça, já que suas atitudes são sábias e rígidas.

Saudação: Kawó kabiyèsilé (Venham ver o Rei descer sobre a terra!)

Dia da Semana: Terça-feira

Número: 06 e seus múltiplos

Cor: Vermelho x Branco

Guia: 01 conta vermelha, 01 conta branca, 01 conta vermelha, 3x3 ou 6x6

Oferenda: Amalá (Carne de carneiro com mostarda refogada, sobre pirão de farinha e água, colocados em gamela de madeira, decorado com uma maçã e seis bananas)

Qualidades:

Dadá = Ajacá foi coroado terceiro Alafim de Oiô, recebendo o apenido de dadá

Afonjá = Áfonjá, o Bale (governante) da cidade de Ilorin. Áfonjá era também Are-Ona-Kaka-n-fo, quer dizer líder do exército provincial do império. Áfonjá descendia, por parte de mãe, de uma das famílias reais de Oyo. Xangô Afonjá é aquele que está sempre em disputa com Ogum.

Agodo = é aquele que, ao lançar raios e fogo sobre seu próprio reino, o destrói, como contado no mito apresentado neste trabalho.

Obá Kosso = Em sua passagem pela cidade de Kossô, Xangô recebe o nome de ObaKossô, ou seja, o rei de Kossô.

Sobò	=	um	Vodoun
Aganju - Ele representa tudo que é explosivo, que não tem controle, ele é a personificação dos Vulcões.			
Baru = Xangô chega ao apogeu do império, cria o culto de Egungun, grande expansão, é o senhor absoluto dos raios e do fogo em todas as suas formas. Ele acaba por destruir a capital do Reino com os raios numa crise de cólera, e depois arrependido, se suicida, adentrando na terra da mesma forma que Ogun, daí o nome Obà Irù "Rei sepultado".			
Aganju igbeje = muito jovem			

Ferramentas: Balança, machado de duas lâminas, livro, pilão, gamela, búzios e moedas, brinquedos para Xangô Agandjú Ibedji

Ave: Galo Branco

Quatro pé: Carneiro branco

Sua ferramenta Oxê: machado de dois gumes. É tido como um Orixá poderoso das religiões afro-brasileiras.

O - Agodó màá iyo, agodó màá iyo àtéwó ya Àgànjú màá yo àtéwó ya òdodo màá iyo

R - Agodó màá iyo, agodó màá iyo àtéwó ya Àgànjú màá yo àtéwó ya òdodo màá iyo

Xangô é condenado por Oxalá comer como os escravos

Airá, aquele que se veste de branco, foi um dia às terras do velho Oxalá para levá-lo à festa que faziam em sua cidade. Oxalá era velho e lento, Por isso Airá o levava nas costas. Quando se aproximavam do destino, vira a grande pedreira de Xangô, bem perto de seu grande palácio. Xangô levou Oxalufã ao cume, para dali mostrar ao velho amigo todo o seu império e poderio. E foi lá de cima que Xangô avistou uma belíssima mulher mexendo sua panela. Era Oiá! Era o amalá do rei que ela preparava.

Xangô não resistiu à tamanha tentação. Oiá e amalá! Era demais para a sua gulodice, depois de tanto tempo pela estrada. Xangô perdeu a cabeça e disparou caminho abaixo, largando Oxalufã em meio às pedras, rolando na poeira, caindo pelas valas. Oxalufã se enfureceu com tamanho desrespeito e mandou muitos castigos, que atingiram diretamente o povo de Xangô.

Xangô, muito arrependido, mandou todo o povo trazer água fresca e panos limpos. Ordenou que banhassem e vestissem Oxalá. Oxalufã aceitou todas as desculpas e apreciou o banquete de caracóis e inhames, que por dias o povo lhe ofereceu. Mas Oxalá impôs um castigo eterno a Xangô. Ele que tanto gosta de fartar-se de boa comida.

Nunca mais pode Xangô comer em prato de louça ou porcelana. Nunca mais pode Xangô comer em alguidar de cerâmica. Xangô só pode comer em gamela de pau, como comem os bichos da casa e o gado e como comem os escravos.